



PLURALIDADE DE CORPOS: UMA PROPOSTA PARA ENSINO E APRENDIZAGEM DE DESENHO NO CURSO DE DESIGN DE MODA

Plurality of Bodie: A Proposal for Teaching and Learning Design in the Fashion Design Course

SANTOS, Douglas Alves dos; Graduando; Universidade Federal do Ceará,
dasdouglas@ufc.alu.br¹

Epaminondas, Natalia Rosa; Doutoranda; Universidade Federal de Juiz de Fora,
nrosae@gmail.com²

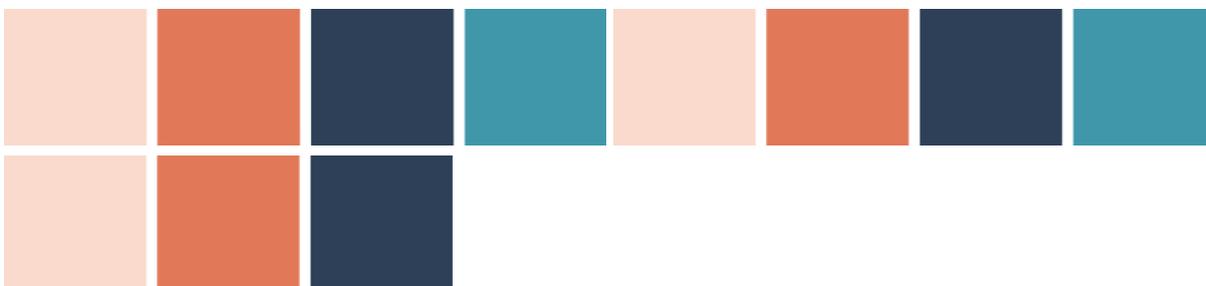
Naïf - Núcleo de estudos sobre Arte, Inovação, Moda e Design

Resumo: O presente trabalho se atenta para questões sobre o ensino do desenho nos cursos de design-moda propondo uma metodologia de ensino mais inclusiva e com uma visão mais crítica a respeito das representações do corpo e sua relação com a moda. Ao relatar as experiências como aluno e como docente obtemos um comparativo de metodologias e dos resultados obtidos para defender um aprofundamento nas noções anatômicas do estudante em formação.

Palavras chave: Educação, Metodologia, Diversidade

¹ Graduando em Desing-Moda pela Universidade Federal do Ceará e Coordenador de Célula de Aprendizagem Cooperativa Estudantil de Desenho da Figura Humna.

² Doutoranda em Artes, Cultura e Linguagens pela UFJF, mestra em Design pela UAM, bacharela em Design de moda pelo Senac, pós-graduada em Moda e Criação pela FASM. Coordena a Coletiva de Estudos As Avestas: moda, gênero, sexualidade e decolonialidades.



Abstract: The present work pays attention to questions about the teaching of drawing in design-fashion courses, proposing a more inclusive teaching methodology with a more critical view of the representations of the body and its relationship with fashion. By reporting the experiences as a student and as a teacher, we obtain a comparison of methodologies and results obtained to defend a deepening in the anatomical notions of the student in training..

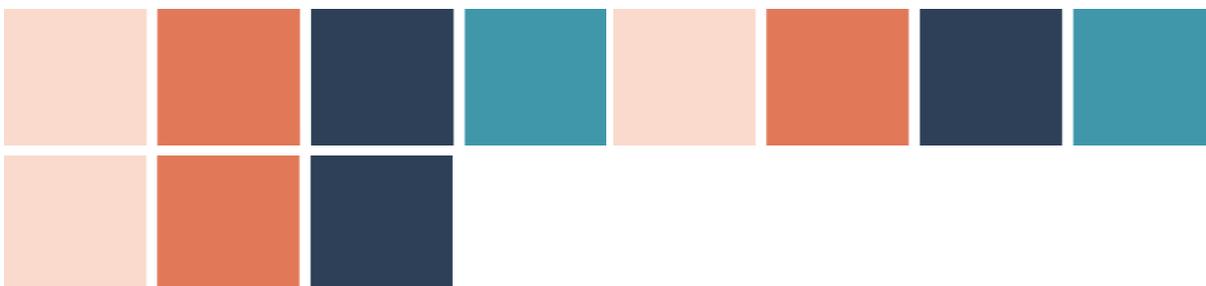
Keywords: Education; Methodology; Diversity.

Introdução

Como bolsista do programa Bolsa Arte-Moda e PACCE (Programa de Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis) da Universidade Federal do Ceará, pude, além de acompanhar as aulas, me envolver com os estudantes ministrando oficinas e minicursos de desenho da figura humana. Surpreendeu-me a dificuldade que muitos estudantes encontram ao serem desafiados a representar corpos reais, não há conhecimento sobre gordura, formatos e fenótipos corporais. Quando precisam desenhar corpos diversificados, a forma mecanizada como são preparados pelos cursos de graduação em moda não permite uma compreensão espacial do corpo.

A questão a ser discutida aqui não é a qualidade dos desenhos produzidos por estudantes da disciplina de Desenho da Figura Humana, mas sim os métodos de ensino e aprendizagem da disciplina que tem se mostrado excludentes e insuficiente na missão de formar graduandos plenos e agentes sociais capacitados.

Como alternativa, proponho uma nova metodologia para compreensão, problematização e representação do corpo. E para compor a proposta, pretendo estabelecer diálogos com autores de minha pesquisa bibliográfica, costurando com a experiência obtida pela metodologia alternativa desenvolvida com grupos de estudo durante oficinas e minicursos que ministrei.



Fundamentos do Desenho

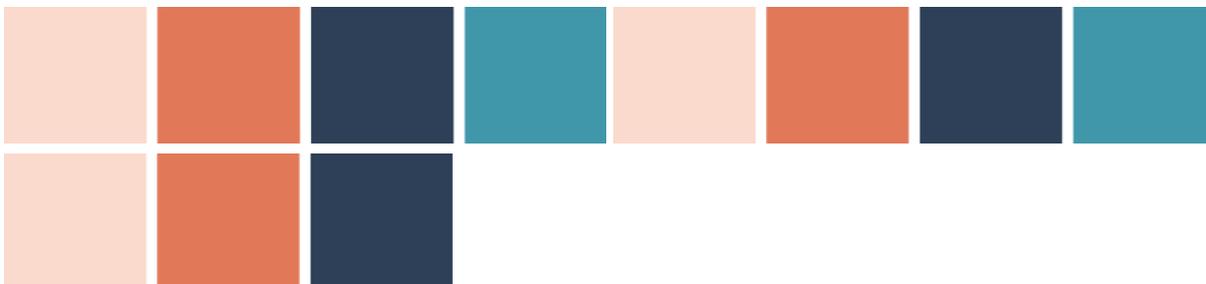
Sendo direto: a maneira como ensina-se o desenho da figura humana na universidade é ultrapassada e excludente.

É necessário que eu me coloque neste artigo localizando minha fala partindo do modelo epistemológico apresentado por Haraway (1988) como conhecimento localizado. Compreendendo que o conhecimento sempre parte de um contexto, tendo seus registros situados de forma parcial, mas ainda possível de estabelecer conexões e diálogos entre diferentes localizações para compreender problemas em dimensão coletiva, ética e política. Dessa forma trago esse relato de experiência sob a perspectiva de um homem negro cisgênero, bissexual, cotista e de baixa renda que não se vê incluído nas metodologias de ensino presentes da universidade.

Tive meus primeiros contatos ainda jovem no começo do século XXI ao ensino do desenho através das bancas de jornais. Espalhadas pelo país, apresentam algumas revistas com conteúdo voltado para os primeiros passos do desenho, trazem as primeiras noções de proporção, geometria e volume. E então passo-a-passo nos conduz a sair de um rascunho de formas e transformá-las em um homem caucasiano “perfeito”.

Já temos aqui um primeiro vício imagético, dentre essas publicações, as páginas estão majoritariamente preenchidas com pessoas brancas de narizes estreitos, cabelos lisos e em poucas temos sessões para “traços étnicos”, apresentando leves variações de traços faciais para retratar o “outro” criado pelo ocidente. Importante frisar que essa denominação étnica acaba por se tornar mais uma forma de universalizar o branco e coloca outras culturas nesse local de exotividade, como comenta Souza (2020) em matéria da Carta Capital.

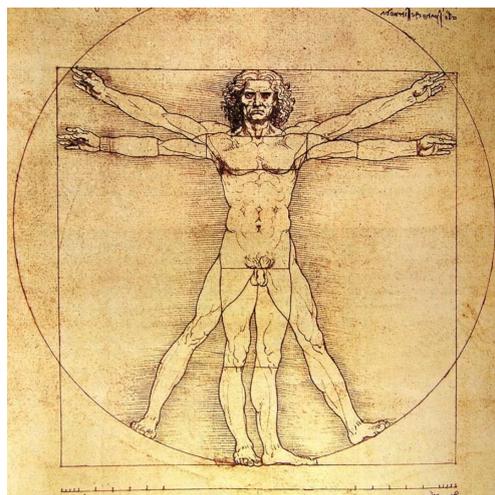
Chegando na Universidade como estudante de design-moda, foi possível observar esse vício imagético se repetir novamente, uma experiência frustrante se você espera um ensino para além da reprodução de conhecimento, na qual o estudante possa aprimorar sua capacidade crítica e tornar-se não apenas profissional capacitado, mas





agente social ativo. A metodologia usada na formação dos estudantes de design durante suas passagens pelas disciplinas criativas de Linguagem Visual pouco diferem das primeiras revistas com que tive contato. Cria-se um corpo geométrico, simétrico e estático, e algumas referências de corpos que se parecem com estátuas renascentistas e *voilà*, figura humana. Replica-se viciosamente o homem vitruviano de Da Vinci.

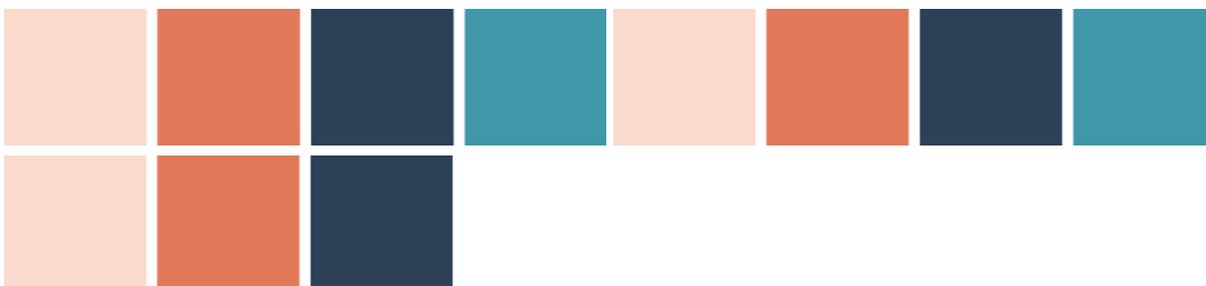
Figura 1 - O Homem Vitruviano



Retirada de

<https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2019/10/o-homem-vitruviano-de-leonardo-da-vinci-esta-liberado-para-exposicao-no-louvre.html>

Quando a introdução ao desenho parte de um corpo branco universal perfeito e os outros são variações desse modelo, já aplica-se uma lógica excludente que centraliza o corpo branco como referencial a se perseguir, a estética bela que se deseja, e o ponto de onde se parte para construir e representar outros corpos. Via de regra, os croquis não destoam da persona mulher branca, de 20 a 30 anos, magra, longilínea e esbelta com todos os vernizes de *ecochic* (LEE, 2008), carentes de inovação e diversidade. Eles não



correspondem às demandas que o segmento de moda expressa, como mostra a pesquisa da FCEM (2019) que pontua a importância da classe C no consumo de moda por seu grande volume de vendas.

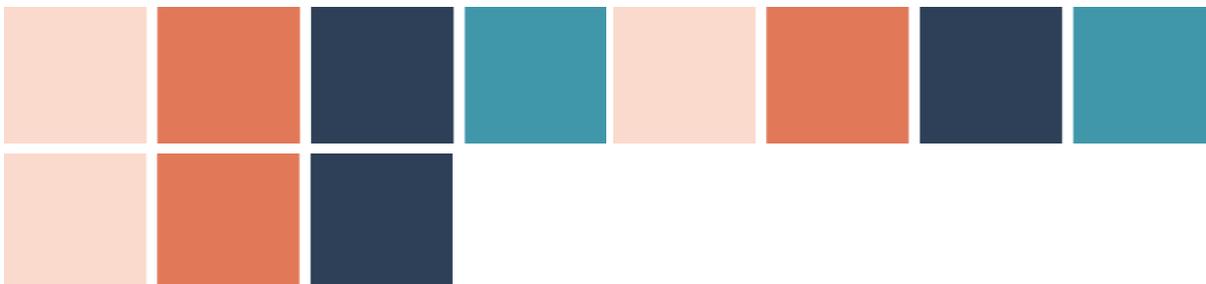
Epaminondas e Souza (2020) apontam outra importante perspectiva sobre esse déficit dos cursos com relação a diversidade abordada em suas disciplinas. Em seu levantamento, graduadas e graduandas de cursos de design de moda trazem demandas para que a academia tenha um olhar mais amplo, e seja mais convidativa ao tratar das temáticas relacionadas à moda de forma menos eurocentrada. Que aborde temas como gênero e raça com maior aprofundamento e noutro viés por meio de autores não hegemônicos.

Contra Proposta

Durante o ano de 2020 e o começo de 2021, fui bolsista do Programa de Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis (PACCE), nesse período pude acompanhar semanalmente estudantes interessados pelo desenho da figura humana vindos tanto do Curso de Design-Moda, mas também de Sistemas e Mídias Digitais, Arquitetura, Audiovisual e Comunicação Social.

A metodologia utilizada baseia-se principalmente na tese de doutorado de Hermany Rosa Vieira, coordenador do PACCE. Em resumo, uma horizontalidade da construção do conhecimento alinhado com a interação promotora dos membros do grupo levam a resultados efetivos, não só em índices de aprovação, mas em ganho humano. Tive a oportunidade de dismantelar o método cartesiano de pedir cópias e repetições de partes do corpo humano para ter muitas conversas sobre o funcionamento dessa anatomia e os múltiplos vieses de interpretação e representação do corpo.

Quando o estudante passa a compreender a mecânica de funcionamento desse corpo, estrutura por si mesmo uma noção espacial do corpo que transcende o modelo estático de sete cabeças. Quando desafiados a desenhar modelos vivos, os alunos



estudavam a pessoa que estava em sua frente, ao invés de reproduzir moldes renascentistas de construção do homem.

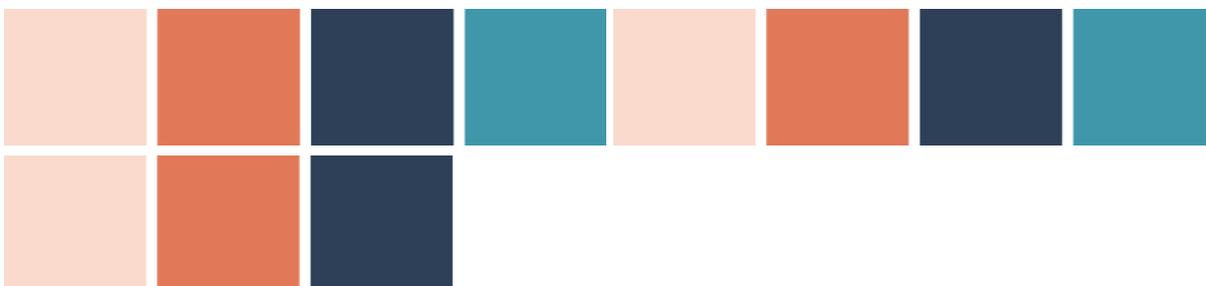
Nos nossos encontros, buscamos reintegrar as partes do corpo por camadas, estruturando esqueleticamente, investigando variações de formação ao redor do globo e aula-a-aula preenchendo com seus volumes de cartilagens, músculos, gordura e pele. Dessa forma, o estudante não apenas amplia sua capacidade de representar corpos diversos, mas desloca seu referencial de corpo humano, saindo da construção a partir do homem europeu dividido em sete cabeças, mas procurando em cada corpo seus pontos de sustentação e de equilíbrio.

A beleza do processo também deve seus créditos à metodologia de Stanchfield (2011) que relata um pouco das aulas de animação do estúdio Disney, propondo exercícios de estudo criativo e composição de imagem, mas principalmente de Desenho Gestual, modalidade que agrega principalmente aos estudantes de Moda que precisam representar conceitos em seus croquis de forma objetiva, mas fantástica.

Os estudos de Moureaux (1959) também foram referência para nossos encontros, com seus detalhados desenhos da anatomia humana, permitindo aos estudantes um guia para compreensão de tendões, articulações e movimento muscular, pois mesmo trabalhando o corpo como um conjunto, o estudo de suas partes e minúcias justificavam extensões e restrições do movimento e balanço do corpo humano. Diferente do que ocorreu em minha experiência com a disciplina de Desenho da Figura Humana, o contato com os modelos vivos não se resumiu a uma aula, mas estavam sempre presentes, principalmente estudando uns aos outros.

Outra carência que buscamos sanar foi a discussão sobre o corpo representado. Mesmo em uma disciplina tão associada à *praxis*, foram necessários encontros para discutir as relações com o corpo e sua representação nas mais diversas mídias, momentos esses cujo os participantes puderam relatar suas referências, dúvidas e dificuldades. O diálogo com as ideias de Katz (2008) com seu olhar crítico sobre o corpo resultou em *insights* e reflexões levadas para os desenhos feitos nos encontros seguintes.

Considerações Finais



Ao comparar os resultados obtidos com a metodologia desenvolvida durante as oficinas, mas principalmente com a célula de aprendizagem estudantil, pude perceber um desenvolvimento da percepção espacial do corpo. Minha hipótese é que essa metodologia, reorganizando a forma como o aluno passa a pensar a concepção do corpo, conseqüentemente afeta as modelagens, a condição do conforto de peças, e as soluções de design agora voltadas para um parâmetro mais inclusivo e descolonizado.

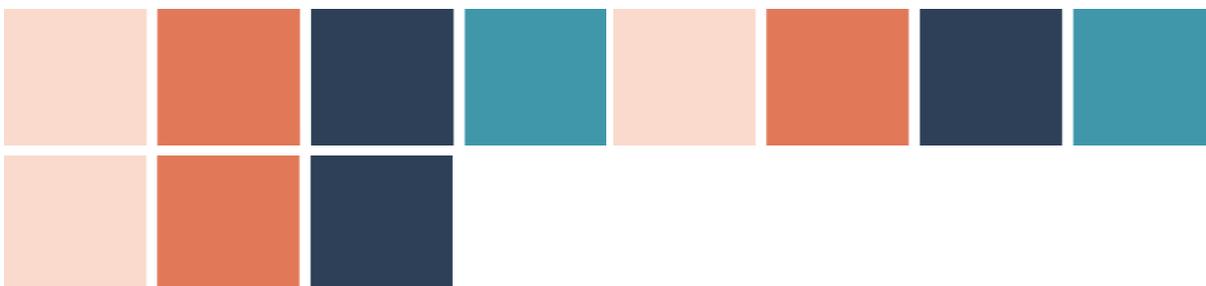
Sair dessa ideia de traços étnicos retira o homem vitruviano do centro da representação do corpo humano e o coloca em posição de variante dentre os múltiplos fenótipos que encontramos ao redor do globo.

Ao ir além de modelos padronizados e croquis magérrimos, encontramos eco na pluralidade de corpos que cotidianamente disputam seu espaço numa sociedade em constante transformação. Colaboramos para promoção da diversidade e formamos estudantes conscientes dos desafios que é ser um agente social comprometido com uma sociedade plural.

Referências

HARAWAY, Donna. (1988). **Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective**. *Feminist Studies*, v. 14, n. 3, pp. 575-599.

EPAMINONDAS, Natalia Rosa; SOUZA, Jamilie. **Colonialidade e Androcentrismo: A Percepção de Estudantes e Ex-Estudantes de Graduação em Moda**. São Paulo: FMU/FIAM-FAAM, 20 out 2020. 1 vídeo (1 h:40 min:25 seg). [Webinar]. Disponível em: <https://ca-lti.bbcollab.com/collab/ui/session/playback/load/931a4191c2274417bddb74a66a722c6>. Acesso em: 10 jun. 2021.



5 tendências para o setor da moda no Brasil. FCEM, 17 de Maio de 2019. Disponível em: <https://fciem.com.br/noticias/5-tendencias-para-o-setor-da-moda-no-brasil/>. Acesso em: 10 jun 2021.

LEE, Matilda. **Ecochic: o guia de moda ética para a consumidora consciente** /Matilda Lee; prefácio Katharine Hamnett; tradução Sheila Mazzolenis e Mario Ribeiro. -- São Paulo; Larousse do Brasil, 2009.

KATZ, Helena. **Por uma teoria crítica do corpo.** In: OLIVEIRA, Ana Claudia de. ; CASTILHO, Kathia. Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2008.

MOUREAUX, Arnould. **Anatomie Artistique de L'Homme.** Paris; Editions Maloine, 1959

SOUZA, Ana Fernanda. **O branco não é a norma: moda étnica para quem?.** Carta Capital, 13 de Dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/fashion-revolution/o-branco-nao-e-a-norma-mod-a-etnica-para-quem/>. Acesso em: 10 de jun de 2021.

STANCHFIELD, Walt. **Dando vida a desenhos, volume II: os anos de ouro das aulas de animação na Disney** / Walt Stanchfield ; tradutor Edson Furmankiewicz - Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

